



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VIVIANE GONÇALVES BRUNO

**INDISCIPLINA: CONCEPÇÕES E/OU PERCEPÇÕES –
O PONTO DE VISTA DE PROFESSORES**

Londrina
2009

VIVIANE GONÇALVES BRUNO

**INDISCIPLINA: CONCEPÇÕES E/OU PERCEPÇÕES –
O PONTO DE VISTA DE PROFESSORES**

Trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso, 6 TCC
604, apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia, da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^a.Ms^a. Adriana Cristine Dias Locatelli

Londrina
2009

VIVIANE GONÇALVES BRUNO

**INDISCIPLINA: CONCEPÇÕES E/OU PERCEPÇÕES –
O PONTO DE VISTA DE PROFESSORES**

Trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso, 6 TCC
604, apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia, da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Adriana Cristine Dias Locatelli
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Luciane Guimarães Batistella Bianchini
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Sueli Édi Rufini Guimarães
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 12 de Novembro de 2009.

Às circunstâncias da vida que me inquietaram e motivaram na realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Que como um Pai cheio de amor e misericórdia, não me desamparou, mas com paciência me auxiliou e deu forças para o desenvolvimento desta pesquisa. Em tudo, darei graças a Ele.

Aos meus Pais Vicente Bruno e Cleuza Gonçalves Bruno

Que acompanharam e participaram de todo meu processo de graduação. Que sentiram, sofreram, se alegraram e compartilharam angústias comigo. Agradeço por ouvirem quando precisei falar e por estarem perto quando precisei chorar. A eles dedico toda minha conquista.

Às minhas irmãs

Lidiane Gonçalves Bruno Fernandes e Josiane Talita Gonçalves Bruno que são peças fundamentais em minha vida; comparadas tal qual ao ar que respiro.

Aos demais parentescos

Minha avó, meus tios e tias, primos e primas, que também acompanharam minha vida e história e, ainda o fazem... Que conversavam, no momento oportuno aconselhavam e, principalmente, que oraram a Deus por mim. Todos, de uma maneira ou de outra, tiveram, e ainda têm fundamental participação em minha vida.

Às amigas da faculdade

Que estiveram tão próximas, ou até mais, de mim quanto meu parentesco. Minhas cúmplices. Pedras preciosas colocadas em meu caminho – Amo vocês.

À minha Orientadora Adriana Cristine Dias Locatelli

Que me respaldou das maneiras possíveis; tanto no auxílio das buscas de materiais e recursos para encaminhamento e desenvolvimento da pesquisa, quanto nas circunstâncias desesperadoras que pediam consolo. Obrigada! Jamais será esquecida.

*“Dar o exemplo
não é a melhor maneira de
influenciar os outros.
- É a única.”
(Albert Schweitzer)*

BRUNO, Viviane Gonçalves. **Indisciplina: Concepções e/ou Percepções – O Ponto de Vista dos Professores**. 2009. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa procura abordar conceitos e / ou concepções sobre o tema “indisciplina”. O objetivo deste não consistiu em dizer o que é comportamento correto ou errado, nem ditar como se deve agir e não agir, mas sim mostrar que sobre determinado tema há uma subjetividade e complexidade considerável, seja pelos profissionais da área (docentes de modalidades de ensino diferentes) ou por pesquisadores e estudiosos do assunto. O trabalho faz menção aos estilos de responsáveis, sejam estes de âmbitos familiares e / ou institucionais, como a reprodução das respectivas posturas no indivíduo que ora é filho, ora é aluno; tão somente as conseqüências que estas auxiliam a propagar. Nem todas as curiosidades que se manifestaram no desenvolvimento do trabalho foram esclarecidas, porém uma situação precisa ser enaltecida: embora um ou outro profissional ainda se mostre enrijecido, outros se prontificam a pelo menos flexibilizarem atividades e buscar alternativas para inovação do ensino. Quanto as implicações educacionais, o trabalho procurou chamar a atenção dos que encontram-se em formação como também dos que já a concluíram para analisar teoria e prática, rever conceitos e / ou ações que se fizerem necessários para não correrem o risco de pararem no tempo e quem sabe persistirem no erro dos dogmas e tabus.

Palavras-chave: Concepções de Indisciplina. Estilos Parentais. Posicionamentos de Professores. Rótulos / Estereótipos de Alunos. Contribuições Educacionais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Nº. 8
1. INFLUÊNCIA DO TEMPO E DE SEU CONTEXTO NA EDUCAÇÃO.....	Nº. 10
1.1 DE EDUCAÇÃO COERCITIVA AO INÍCIO DA EDUCAÇÃO REFLEXIVA... N°.	10
1.2 TRANSFORMAÇÕES CONCEITUAIS EDUCACIONAIS.....	Nº. 14
2. DEFINIÇÕES DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA.....	Nº. 18
2.1 ABORDAGENS SOBRE DISCIPLINA E INDISCIPLINA.....	Nº. 18
2.2 ESTILOS PARENTAIS – SEU REFLEXO NOS FILHOS.....	Nº. 26
2.3 ESTILOS DE PROFESSORES – SEU REFLEXO NOS ALUNOS.....	Nº. 28
2.4 RÓTULOS / ESTEREÓTIPOS DE ALUNOS.....	Nº. 30
3. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO.....	Nº. 33
3.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	Nº. 33
3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS PESQUISAS.....	Nº. 34
3.3 DISCUSSÃO.....	Nº. 43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Nº. 47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	Nº. 49
ANEXOS.....	Nº. 52

INTRODUÇÃO

Partimos de um ponto de vista que abarca: ora o histórico, por vezes o social como também o cultural para analisar conceitos e concepções do que é / ou considera-se indisciplina. Compreender o que e como educadores (familiares e escolares) caracterizam tal termo. Diferenças e alterações nos conceitos e atitudes de tais educadores puderam ser verificadas.

Há anos, não muito distantes, era possível presenciar determinada situação em sala de aula: os professores falavam, ministravam seus conteúdos e os alunos copiavam os mesmos, provas escritas (dissertativas ou de alternativas) eram feitas e o objetivo era “*tirar nota*” para comprovar o êxito. Neste período, os questionamentos e explicações dos mesmos pautavam-se no processo mecânico (para resolução das atividades ou exercícios propostos) e não de maneira crítica e reflexiva, tampouco algo que pudesse alcançar a interdisciplinaridade dos assuntos. O efeito era de que tanto no âmbito escolar quanto no familiar, conteúdos e demais assuntos não eram retomados o tanto que se faziam necessários, caracterizando que, às gerações, era passado o que consideravam essencial saberem; nada além.

Mudanças ao longo do tempo foram acontecendo. Hoje é possível verificar filhos e alunos se pronunciando e defendendo seus pontos de vista, crenças, costumes, valores e estilos. Possuem argumentos para fundamentar suas razões e não se privam de questionar. Por um lado, tal encaminhamento da história foi proveitoso, isso porque movimentos na educação ocorreram possibilitando que sujeitos tivessem o direito de voz e vez. Por outro lado, em que circunstância pode ser entendido que o indivíduo sai de sua posição de crítico-reflexivo e se posiciona como alguém que afronta e desrespeita seu próximo? Quando comportamentos são ou podem ser tomados como “indisciplinados”?

Esta pesquisa foi dividida em 3 (três) capítulos para organização e abordagem do assunto. Sucintamente ficaram assim divididos:

O primeiro capítulo, intitulado “Influência do Tempo e de Seu Contexto na Educação”, teve o intuito de resgatar tendências e estilos educacionais. Buscou relatar ditames a serem seguidos, de cunho opressor (político, econômico e social) cuja intenção era justamente não desenvolver a criticidade dos sujeitos e, enquanto possível, privá-los de perceberem-se enquanto transformadores do / no

mundo. O indivíduo, sua maneira de ser e de estar sendo no mundo teve seu período de ser sufocado, mas também chegou sua vez de se manifestar. Foi através dos tempos e espaços, culturas, costumes e valores que a necessidade da criticidade e de sua manifestação fizeram propagar em diferentes âmbitos a confiança do homem na própria capacidade de resolver seus problemas. A contemporaneidade trouxe consigo a criticidade, sua principal característica. A discussão deste primeiro capítulo faz menção à influência do tempo e de seu contexto na educação. Busca retratar características de uma educação coercitiva (tomando como exemplo a educação bancária), a “luta” e busca por mudanças, dando início a uma tendência crítica-reflexiva. Sucintamente, pensadores / pesquisadores de grande nome foram citados caracterizando algumas transformações conceituais, dentre muitas, ocorridas ao longo do tempo e que nos influenciam até hoje.

No segundo capítulo “Definição de Disciplina e Indisciplina”, o próprio título já nos remete ao teor da pesquisa. Partimos de definições de senso comum que, por sua vez, serão retomadas e analisadas de um ponto de vista científico. Buscamos neste capítulo fazer a relação sujeito – família – escola e pronunciar a necessidade deste tripé estar em harmonia. Uma outra preocupação foi definir diferentes estilos parentais, de profissionais como também de alunos que refletem em uma miscigenação de sujeitos na escola e na sociedade. A necessidade é de manter um bom relacionamento entre famílias e instituições como prova de interesse e cuidado com o filho e aluno. Pais e professores têm suas obrigações diante destes e seus papéis não devem ser invertidos nem as responsabilidades serem delegados somente a um ou ao outro. No decorrer desta discussão foi possível perceber que não há UM conceito do que é disciplina ou indisciplina, mas sim VÁRIAS concepções de tais termos.

No terceiro capítulo “Análise da Pesquisa de Campo”, relata o momento sublime do trabalho: a busca por profissionais de instituições escolares que se prontificassem no auxílio do mesmo, o desenvolvimento e análise dos resultados da pesquisa como a discussão entre as pontuações / considerações feitas ao longo de todo o trabalho.

Partamos para o desenvolvimento do projeto de pesquisa que se preocupou com as manifestações comportamentais e em compreendê-las.

1 Influência do Tempo e de Seu Contexto na Educação

A sociedade a cada momento (seja dias, meses, anos, décadas e assim sucessivamente) sofre influências de vertentes que a constitui como: histórica, social, política, cultural, econômica, dentre outras. Considerando o indivíduo um ser que vive em sociedade, que sofre influência como também influencia a mesma, entendemos que este ser necessita estar e fazer parte do que o circunda. Logo, considerando todas as vertentes, podemos dizer que comportamentos, valores e costumes variam de acordo com contextos, regiões, culturas e sofrem transformações como também transforma os sujeitos através dos tempos.

1.1 De Educação Coercitiva ao Início da Educação Reflexiva

O âmbito educacional e a educação propriamente dita têm sofrido alterações conceituais, culturais e sociais ao longo do tempo.

Num primeiro momento, partindo de um ponto de vista histórico, houve período em que uma educação de cunho opressor perpetuava nas escolas e, assim como no espaço familiar, a liberdade de expressão era reprimida. Regras, vigilância, “disciplina” e muito conteúdo são características marcantes deste momento histórico – trata-se de uma vertente tradicionalista e tecnicista. Durante este período, a necessidade de conhecer o indivíduo como ser humano portador de sentimentos, de conhecimento e de um histórico particular; não era relevada nem mesmo considerada. Podia ser compreendido, segundo BOCK (2008, p. 80-81) “como métodos disciplinadores e controladores num espaço de seres passivos em que a individualidade é negada e a obediência vista como algo natural”. No âmbito familiar podia-se considerar o estilo educacional como autoritários em que:

Os pais que modelam, controlam e avaliam o conhecimento do filho de acordo com regras de conduta estabelecida e absoluta, estimam a obediência e são a favor de medidas punitivas para lidar com a criança que entra em conflito com o que pensam ser certo. (MONTANDON, 2005, p. 2).

Toda educação tem sua intencionalidade, e nada de neutralidade. Se tomarmos como exemplo a educação bancária, tão combatida por Paulo Freire, verificaremos que a mesma consiste em controlar, ordenar e manter a obediência do / sobre um indivíduo, “por óbvios motivos em manter ocultas certas razões que explicam a maneira de como estão sendo os homens no mundo [...]” (FREIRE, 1987, p.72). É aquela em que o educador se mantém em posição fixa e invariável, será sempre aquele que sabe, enquanto os educandos aqueles que não sabem. Segundo Freire (1987, p.58), a rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. O professor tem a postura de detentor único do saber. Não existe a possibilidade de considerar a história de seu aluno como parte do aprendizado, ou seja, este tem sua individualidade negada tornando-se então um ser passivo.

O conhecimento é “*transmitido*” tendo seu pano de fundo a dominação, a domesticação e a alienação. Uma vez que o diálogo não é bem-vindo e a tentativa de interação nem é mencionada, impossibilita-se o surgimento de uma consciência crítica do indivíduo, é o que diz Freire no decorrer de toda sua obra intitulada *Pedagogia do Oprimido*. O sujeito sem alguém com quem possa conversar, falar de suas idéias e ouvir as do outro, acaba por não ter condições de se expressar e se libertar da situação em que se encontra (a de “não saber” ou de “saber apenas o que o outro quer que se saiba”). Ainda fazendo menção ao autor, o mesmo comenta que (1987, p.128) “a única forma de pensar certo do ponto de vista da dominação é não deixar que as massas pensem o que vale dizer: é não pensar *com elas*”, mantendo os sujeitos em posicionamento inerte.

A educação possui sua vertente política, e no caso da educação bancária, passa a ser objeto desta com intuito de se propagar apenas o que se pretende e se permite. Abaixo, apresentam-se características que melhor explicita a condição do educador bancário e de seu educando:

O educador é o que educa; os educandos os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; o educador

escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1987, p.59).

O educador tem todas estas características porque a ele foram delegadas, de acordo com a política e seu período histórico – se compromete e faz o mesmo com seus alunos. Parece ser possível fazer a seguinte reiteração à citação anterior: a consciência crítica não é exigida naquele contexto e, quanto ao modelo de educador e educando:

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 1987, p.60).

A intenção é fazer depósito de conteúdos e nada mais. Logo, as leituras de mundo, o diálogo, a troca de conhecimento e de experiências não são possíveis de serem feitas.

Dando continuidade à óptica freiriana, a leitura de mundo vem a ser uma construção coletiva em que não se constrói conhecimento sozinho, mas sim numa relação dialógica com o outro. Considera que *leitura de mundo* seja a capacidade de ler a realidade e todo seu contexto não ignorando o saber do outro. Assim, o indivíduo percebe que há uma construção histórica e social e que esta é mutável, que além de ver e compreender o que está a sua volta, pode, através de sua própria ação, também modificar seu mundo.

Leitura de mundo pode ser considerada como uma tomada de consciência para que o sujeito se organize, se movimente e tome seu direito de pensar, dizer e fazer. Para a autora Santos (2005, p. 1), também fundamentada em Freire, leitura de mundo é:

Um desvelamento da realidade, na qual se retira o véu que cobre os nossos olhos e não nos deixa ver as coisas, com o fim de poder conhecê-las. Ele acrescenta que não basta apenas desvelar a realidade é necessário realizar um desvelamento crítico, ou seja, uma ação que homens e as mulheres devem exercer para retirar o

véu (o que oculta) que não os deixa ver e analisar a veracidade das coisas, chegar ao profundo das coisas, conhecê-las, encontrar o que há em seu interior, operar sobre o que se conhece para transformá-lo. Sendo assim para Freire um conhecimento crítico (desvelamento crítico) exige a ação transformadora. A realidade não é só dado objetivo, o fato concreto, senão, também, a percepção que o homem tem dela.

Quando se diz mundo, é necessário relevar os contextos que este contempla, como: o social, a história, a cultura e demais vertentes para as quais a leitura possa se propagar. Alcançado tal êxito é como se o sujeito, no seu momento de libertação, pudesse ter, fazer, expor e agir a partir de suas próprias idéias, pensamentos, desejos e temores. Leitura de mundo pode tomar pontos de vista diferentes: tanto do mundo de um indivíduo, quanto do mundo do seu próximo; permitir e alcançar percepções de posicionamentos, por exemplo, quando são impostos e quando partem de diálogos. Então:

Na medida que se expõe os mitos nos homens e mulheres, somos convidados a captar em nosso espírito a verdade de nossa realidade e descobrir as razões escondidas por traz dos mitos, uma vez que conscientes nos homens e mulheres buscamos instrumentos para enfrentá-los. (SANTOS, 2005 p. 2).

Diante de todo este contexto e conceitos em que a educação bancária (dentro dos âmbitos familiares e escolares) barrava o cognitivo do sujeito, ou seja, as leituras de mundo; no decorrer dos tempos, as mudanças e transformações no processo educacional se encarregaram de dar um novo significado para a família e para a escola, foi uma exigência de nossa contemporaneidade rever tais conceitos.

Extrai-se do Dicionário Silveira Bueno (2000, p. 193) o conceito de contemporâneo: “Que ou aquele que é do nosso tempo, atual, moderno”; sendo assim, a nossa contemporaneidade está repleta de informações, interpretações, transformações (tecnológicas e científicas), e construções de conhecimentos.

A criticidade é uma característica marcante da contemporaneidade. Segundo as reflexões do Comitê Editorial (2003), hoje há confiança do homem na própria capacidade de resolver seus problemas sem o auxílio de terceiros. “Se antes era a fé, agora seria a razão que garantiria a salvação”.

A *Revista Vir a Ser* nº. 3/99 ressalta que, referente a contemporaneidade e do ponto de vista familiar, a organização depende de como cada sociedade e seu período histórico definem os papéis sociais de pais, mães, filhos, de todos, enfim. Conforme a época muda-se os valores culturais e as estruturas familiares. Cada família faz parte de um contexto social e, de alguma forma, constitui e é constituída por ele. É neste âmbito que muitas coisas acontecem e que influenciarão o indivíduo durante toda sua vida.

Do ponto de vista escolar, a contemporaneidade trouxe circunstâncias favoráveis no âmbito educacional como novas tendências e metodologias para um melhor ensino, oportunizar o diálogo em sala de aula, trabalhar a reflexão e a criticidade sem meios coercitivos, no entanto, também trouxe consigo interpretações errôneas de leis, regimentos e estatutos, o que veio comprometer o bom relacionamento pelo qual tanto se primava.

Hoje há uma busca incessante por maneiras que melhor se adaptem aos contextos de grandes e rápidas mudanças e nessa procura é possível perceber que não há uma única maneira (padrão) de se educar, isso por que os indivíduos são diferentes - chegou ao âmbito familiar propagando-se na aprendizagem escolar do indivíduo. Uma busca que continua à procura de aperfeiçoamentos.

1.2 Transformações Conceituais Educacionais

Com toda a mudança e percepção ocorrida ao longo do tempo, houve curiosidade e interesse de pesquisadores e estudiosos de exporem tendências nas quais acreditavam e nas relevâncias e fundamentações das mesmas. Por exemplo: Enquanto a tendência tradicionalista permeava, ênfases eram dadas às regras, à vigilância, à disciplina e à valorização do conteúdo. Não havia necessidade de conhecer o aluno e / ou o filho e suas características individuais. Com movimentações, lutas e transformações na educação, mudanças consideráveis ocorreram. Houve a valorização da infância, da afetividade e da liberdade.

Segundo Puga (2009), em seu artigo, a nova escola relaciona-se com a vida e experiências pessoais do aluno que é levado a entender e trabalhar matérias de uma forma crítica, numa escola que se deseja cada vez mais aberta e

onde a individualidade e a voz de cada um se possa fazer ouvir de uma forma diferente. Há uma nova visão de criança e de aluno; e diz mais: “Tal como as Educações Tradicional e Nova o foram a seu tempo, há que tomar atitudes cautelosas em relação aos problemas educativos e sociais dos tempos que vão mudando, tal como as vontades”. (PUGA, 2009)

Conhecimentos, práticas e experiências são trocados para contribuir no processo educacional. O professor passa a ter papel secundário, porém, não menos importante.

Sucintamente, e de um ponto de vista histórico, apresentam-se temáticas de alguns pensadores / pesquisadores, trazidas por Carvalho (2002), que tiveram grande influência sobre as idéias pedagógicas do século XX, como por exemplo:

- Johann Friedrich Herbart - um crítico da teoria das faculdades mentais postulava que a mente era dotada de faculdades inatas que deveriam ser treinadas pelo exercício, pela repetição. O dever do professor era instruir os discípulos. Para este pensador o ensino não é tarefa do acaso ou da rotina, mas uma atividade consciente, intencional, com método e processo definidos.
- John Dewey - Segundo Carvalho, admitiu a importância da crítica herbartiana para o âmbito educacional, no entanto concebe o homem num processo de interação com o meio que o circunda, agindo sobre o ambiente e tendo de adaptar-se às condições oferecidas. Considerado o maior representante escolanovista, procurava dar novo olhar para problemas da educação em geral. Prioriza o aluno, porém, não desconsidera o professor. É na escola que se criam condições para investigações sem dar respostas prontas e acabadas. “O homem se constrói na ambiência social, pois o meio social cria as atitudes mental e emocional do procedimento dos indivíduos” (Dewey, 1959, p.17 apud Carvalho, 2002). Como Herbart, Dewey considera o ensino uma atividade consciente, intencional e com método e processo definidos, no entanto, ao contrário de Herbart, não separa os fins dos meios da educação.
- Edouard Claparède - Levava em consideração a afetividade, a individualidade, a hereditariedade e a experiência da criança /

indivíduo. Para que o indivíduo não vá contra sua própria natureza, a particularidade de habilidades e inteligência precisam ser consideradas. O papel do professor é estimular o interesse do aluno.

- Jean Piaget - Defendia um método ativo e cooperativo para formar indivíduos produtivos, criativos e não somente repetitivos. Considera a hereditariedade, a adaptação biológica, o processo e o ritmo temporal individual (etapas) para o desenvolvimento da inteligência. O conteúdo não será apenas transmitido, mas entendido passando por um processo de desequilíbrio, assimilação e acomodação da nova informação. Para Piaget a figura do professor é aquela que incita ao desafio e à reflexão.

- Henri Wallon: Pensador que manteve uma estreita relação com as questões educacionais. O papel dos aspectos sociais na constituição do indivíduo é um dos pontos centrais de sua teoria. Para ele, o indivíduo primeiro pertence ao meio físico e depois parte para sua individualidade. “Conforme sua concepção, o processo de diferenciação do eu prossegue durante vários anos, e o indivíduo pertence ao seu meio social e físico antes de pertencer a si próprio” (Wallon, 1975 apud Carvalho, 2002). O conteúdo escolar é fundamental para o desenvolvimento da criança. O professor é aquele que interfere no processo de desenvolvimento-aprendizagem partindo da realidade da criança. Carvalho relata que nesta perspectiva teórica a ênfase da investigação sobre a criança é colocada no exame da realidade levando em conta sua complexidade, sendo a elaboração de princípios teóricos decorrência da explicação desta realidade.

- Lev S. Vygotsky: Considera relevante o âmbito social para a caracterização do indivíduo, pois o ambiente e “a cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas e edifica novos níveis no sistema do comportamento em desenvolvimento” (Vygotsky, 1995 apud Carvalho, 2002). No meio educacional o processo de aprendizagem norteará o desenvolvimento da criança. Indicam-se dois níveis: o efetivo – a criança realiza uma atividade por si mesma; e o proximal – a criança

alcança resultado com auxílio de um adulto (é aqui que o professor deve atuar para desencadear novos conceitos e informações). A tarefa da escola consiste em fazer esforços para encaminhar a criança a desenvolver o que lhe falta. “O professor é mais que um facilitador de aprendizagem, é um elemento necessário e essencial para o desenvolvimento humano”; é o que diz Carvalho (2002).

Após definições de termos e tendências de alguns grandes nomes, podemos considerar que grandes e relevantes foram e continuam sendo as transformações ocorridas no âmbito educacional, sejam nas tendências, nas metodologias e em seus conceitos; mas o que dizer das repercussões e interpretações errôneas no decorrer das mesmas? Com tanta atenção e avanço neste âmbito, na busca de melhoras e equilíbrio, o que dizer ou o que entender de circunstâncias que fogem da alçada das famílias e das escolas quanto aos comportamentos de filhos e alunos?

Faço do questionamento de Aquino a angústia do capítulo a seguir: “[...] quais os recursos possíveis de enfrentamento do tema *indisciplina* quando tomado como objeto de reflexão e/ou problema concreto?” (AQUINO, 1996, p.40).

O que entender e/ou considerar indisciplina?

2 Definições de Disciplina e Indisciplina

O presente capítulo procurará abordar definições, concepções e / ou opiniões de disciplina e indisciplina. Mencionará a princípio o senso comum e posteriormente o ponto de vista científico de estudos sobre o tema. Esta pesquisa não entrará no mérito de certo ou errado dos conceitos e ações sobre os termos.

2.1 Abordagens Sobre Disciplina e Indisciplina

Segundo o dicionário Silveira Bueno (2000, p.260) o termo disciplina é assim definido: “ordem; respeito; obediência às leis; matéria de estudo; instrumento de penitência”. Já o termo indisciplina (2000, p.432), é descrito como: “desobediência; rebelião; insubordinação”.

No entanto, o que deve ser entendido destes conceitos? Se partirmos de opiniões particulares / pessoais ou de senso comum, várias são as concepções levantadas; por exemplo: uma pessoa disciplinada é aquela que obedece ao pai e a mãe, não responde os mais velhos com grosserias, respeita as outras pessoas, dá seu lugar de assento (dentro de ônibus, por exemplo) para os mais velhos, às grávidas, ajuda nos afazeres de casa, estuda bastante, é inteligente, cumprimenta as pessoas quando as encontra, não fala palavrão, não fala mal de outros nem promover intrigas, não fica gritando, não sobrepõe sua fala à de outro enquanto este não termina o que está falando, diz por favor, obrigado, com licença entre muitos outros comportamentos que demonstram uma pessoa “perfeita”, de postura e perfil admirável. Já a pessoa indisciplinada é aquela que “*merece uns tapas*”, isso porque é desobediente com pai, com mãe, com os mais velhos, grita, fala palavrão, quebra objetos por fazer birra, deixa o quarto bagunçado e os demais cômodos desarrumados, tira objetos do lugar e não devolve no mesmo, não tem cuidado com pertences dos outros nem com os seus, tratam as pessoas de dentro de casa (do seu convívio) mal, só aceitam opinião dos de fora (considerando estes apenas aqueles que consideram ser “os companheiros”), sempre acham que têm razão e contraria aqueles que pensam diferente de si (os chamam de caretas), tiram sarro dos outros, fazem piadas de mal gosto, não entendem nem aceitam que nem tudo pode ser como quer que seja, chantagiam de todas as maneiras possíveis, não se

interessam pelos estudos, não acatam conselhos de pessoas mais experientes, não se submetem a horários nem compromissos, são mal educados e acreditam que sua palavra é a que deve prevalecer.

Trazendo estes conceitos para o âmbito educacional, muitos são colocados dentro das instituições. Por exemplo, ainda vemos professores, educadores definindo alunos disciplinados como: são quietinhos, fazem todos os exercícios, não ficam “passeando” dentro da sala de aula, sempre estão com os materiais solicitados, são cuidadosos e organizados com seus pertences. Outros já são considerados indisciplinados por não copiarem os conteúdos que são passados no quadro, não fazem tarefa, não entregam trabalhos, não carregam os materiais necessários para o dia a dia, misturam o conteúdo de uma matéria com a outra, conversam demais, jogam papel, borracha, lápis, canetas uns nos outros, passam bilhetes de mão em mão, respondem ao professor de maneira grosseira ou de deboche, conversam paralelamente enquanto há explicações de conteúdos, empurram os colegas, dentre outras situações que irritam o professor, esgota sua paciência, seu físico e mente.

Do ponto de vista de uma discussão científica, veremos o que hoje estudiosos salientam sobre o tema disciplina e indisciplinada.

Disciplina não necessariamente está associada *somente* aos bons costumes: um ser humano idealizado; como também a indisciplinada pode ir muito além de rótulos, preconceitos e estigmas. Segundo Oliveira (2005, p. 27-28):

Quando ouvimos a palavra disciplina geralmente o que nos vem à mente é, por um lado, o estudo de uma matéria escolar e, por outro, o sentido de ordem, regras e obediência. Essa ambigüidade do termo tem razão de ser, pois, a palavra disciplina, de origem latina, tem a mesma raiz que “discípulo” [...] a indisciplinada está nitidamente ligada à disciplina, enquanto esta é entendida, pelo senso comum, como a manutenção da ordem e obediência às normas; a primeira significa a sua negação, ou seja, a quebra da ordem.

Hoje, os tempos, situações e condições são outras. No âmbito educacional e institucional as alternativas, as necessidades postas, precisam ser diversas e diferenciadas; no lugar das palmadas, broncas ou até mesmo surra, o espaço foi tomado pelo diálogo, permitem-se aos pais fazerem questionamentos e os filhos darem explicações e vice-versa. No entanto, é necessário cuidado e

atenção, pois, há interpretações distorcidas do processo de educação atualmente. Os pais acreditam que qualquer tentativa de chamar atenção, dar bronca ou vir a bater, é causa de trauma e revolta na vida do filho e acabam por relevar comportamentos que, na verdade, deveriam ser extintos. O resultado destas atitudes torna-se desastroso. Tudo o que o indivíduo presencia (vendo, lendo ou participando), uma hora será exposto (de alguma maneira) nas brincadeiras, na escola e / ou na sociedade.

O âmbito educacional precisou adaptar-se à seguinte demanda de perguntas, segundo comenta o autor Aquino (1998, p.17):

Qual mundo temos apresentado a nossos alunos? Quais de seus detalhes lhes temos apontado? Qual história queremos levar para as novas gerações? Há ainda, no encontro habitual da sala de aula, responsabilidade por este mundo e esperança de um outro melhor?

Delicado e perigoso é tratar de um tema como *indisciplina*. É necessária a articulação de várias dimensões para não se diagnosticar erroneamente suas causas, não delegar conseqüências a um único fator (sociológico, psicológico ou histórico) e, se considerar a disciplina como comportamentos regidos por normas, a indisciplina pode ser considerada como oposição destas normas ou desconhecimento das mesmas, segundo La Taille (Apud AQUINO, 1996, p.10). Nesta mesma situação a autora Silva (1999, p.9) reitera e comenta que parece ser possível “dizer que a indisciplina nos remete para a violação de normas estabelecidas o que, em contexto escolar, impede ou dificulta o decorrer do processo de ensino-aprendizagem”.

Pais e professores têm suas obrigações diante de filhos e alunos, respectivamente. No entanto, os papéis não devem ser invertidos nem as responsabilidades serem delegados somente a um ou ao outro. O ditado popular “*educação vem de berço*” talvez explicita o sentimento de que valores e costumes o indivíduo já veio construindo de acordo com contexto que o rodeia (familiar, social, econômico) e que à escola cabe os afazeres relativos ao conhecimento, ensino, metodologia e não *somente* às necessidades básicas de um indivíduo que continua a levar sua vida extra-escolar. Aquino melhor explicita o que pretende expor este parágrafo:

Precisamos de regras para viver, só que elas não podem ser arbitrárias. O que tem de regular as relações na sala de aula são os afazeres relativos ao conhecimento. Isso porque, no contexto escolar, é só o conhecimento que pode organizar as expectativas e as condutas da criança e do jovem. [...] (2002, p. 60).

Os pais e/ou responsáveis são os primeiros orientadores de conduta, costumes e valores da criança que direcionarão o desenvolvimento da mesma. Em continuidade a este processo, temos a participação da escola e seus respectivos professores que precisam não só do auxílio da própria instituição escolar como também dos responsáveis pelos alunos. A relação pai-filho-escola nem sempre acontece, faltando assim a colaboração necessária entre eles. Deve haver uma relação de comprometimento de todas as partes para que não fiquem delegando funções a este ou aquele e enquanto isso, as crianças ficam sem respaldo de um lado e do outro.

Não é fácil fazer o inventário dos conceitos e das causas de indisciplina nem do que pode ser considerado como tal, isso porque, se faz necessário todo um levantamento de mudanças e alterações decorridas ao longo dos tempos e nos meios sociais. Se considerado determinado perfil / postura de indivíduo disciplinado e foge-se a este determinado padrão, equivaleria, segundo Aquino (1996, p.45) “a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas”.

A indisciplina, abordada de uma óptica sócio-histórica pode ser interpretada como uma maneira de resistência ao tempo vigente e; quando abordada de um ponto de vista psicológico é mencionada como idéia de carência psíquica (como se a falta de algo ou de alguém, ou ainda, de alguém que não proporcionou algo fosse causa de uma conseqüência indesejada). Hoje, diante dos responsáveis e educadores, há o *NOVO*: novo aluno, novo sujeito que pensa, que reflete e que se expõe. As circunstâncias, acompanhadas de suas mudanças, fizeram com que uma nova geração fosse criada, no entanto, é como se os âmbitos não estivessem preparados para abrigá-la acabando então por rejeitá-la. Aquino (1996, p. 46) menciona que o processo educacional depende da articulação entre a escola e a família, pois ambas possuem relevâncias próprias (cada qual com sua finalidade) e são dimensões que se complementam dando um sentido amplo de educação.

A indisciplina, de um ponto de vista familiar vem a ser causa de um desequilíbrio estrutural sem visibilidade de um lado positivo, diferentemente quando analisado de um ponto sócio-histórico, que releva este mesmo termo como conflitos entre forças sociais antagônicas, porém, palco de junção dos movimentos históricos. Aquino (1996, p. 53), reitera quando diz: “Anteriormente, disciplina evocava silêncio, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor obstáculos”.

Então o que considerar como comportamento de indisciplina? A família e a escola têm sua parcela de culpa? Falta de respeito; falta de atenção; não comprometimento por parte do sujeito, por parte do responsável do sujeito ou pelo professor do mesmo, que permitem a propagação de determinados comportamentos; agressividade; violência; dentre outros inúmeros atos? E o que dizer da tão desejada autonomia: até que ponto sua busca é sadia e, quando transforma-se em rebeldia e torna-se um incômodo de modo individual ou social?

Primeiro, a família é a base do desenvolvimento do indivíduo e, caso esta esteja com a estrutura comprometida, com certeza refletirá seus efeitos no sujeito propagando-se nos demais âmbitos, podendo causar, entre família e escola, uma defasagem na educação do mesmo. Os motivos da indisciplina podem ser intrínsecos e / ou extrínsecos a sala de aula e, segundo Oliveira (2005, p. 14): “A indisciplina representa um transtorno não só para os professores, coordenadores pedagógicos, supervisores, diretores, mas, também para os pais [...]”.

A falta de respeito nem sempre é significado de indisciplina isso porque determinado comportamento pode ser considerado como defesa e não como afronta. É o que nos diz a seguinte citação de Silva (1999, p.5), quando faz menção a situações em sala de aula: “[...] por um lado, para alguns professores, determinado comportamento é considerado indisciplinado; para outros, pode ser apenas um excesso de vitalidade”, por isso a necessidade de cautela ao analisar os fatos.

A falta de atenção tem todo um histórico a ser analisado, pois vários podem ser os motivos que leve o indivíduo a se portar de tal maneira: pode ser uma questão de motivação, ou na verdade, a falta dela; podem ser reclamações que são ditas e ouvidas sobre professores que não conseguem chamar, prender e manter a atenção do aluno; talvez o não uso de recursos e dinamismo em sala de aula; ou ainda algo patológico como déficit de atenção, dentre outros distúrbios; enfim, um somatório de fatores. Os comportamentos dos sujeitos, “sejam bons ou maus, não

podem ser vistos apenas como provenientes deles próprios. Torna-se necessário considerá-los como parte de uma situação total, na qual actuam vários intervenientes atribuindo significado ao que se faz”. (SILVA, 1999, p. 10).

Quanto a questão de não comprometimento por parte do sujeito, de seu responsável ou de professores que rodeiam tal pessoa; o cuidado deve ser ainda maior ao fazer o levantamento de causas relevando pontos de vista sociais, culturais, econômicos, históricos (de cada um, anteriormente mencionado). A análise deste item não deve ser solta, mas manter o gama que as entrelaçam. Fazendo menção ao comprometimento das partes interessadas, sem a colaboração de ambas, o caminho pode ir de mal a pior: referente ao sujeito porque não se vê ou não se permite considerar ou atender a valores e costumes familiares e institucionais; aos responsáveis destes (pais e educadores) por não “descruzarem” os braços ou se sentirem impotentes diante das circunstâncias que lhes aparecem não se manifestando diante da gravidade dos comportamentos ou se pronunciando de maneira a medir forças entre o que manda e o que obedece. La Taille (1996, p.22) pode expressar tal angústia quando diz que:

A família, antes organizada em função dos adultos, passa a ser organizada em função das crianças. [...] Os pais e professores têm medo de impô-los porque significaria impor o registro adulto, no qual não acreditam mais. [...] Os pais engatinham na frente dos filhos, brincam de negar as diferenças e de ser apenas “amigos” de suas progenituras, escondem seus valores por medo de contaminá-las, aceitam seus desejos por medo de frustrá-las. E o fato acaba por se repetir na escola. [...].

E pior, o que dizer da agressividade e da violência; são comportamentos indisciplinados, infracionais, fogem da alçada deste contexto ou ainda pode ser uma coisa *ou* outra dependendo das determinantes que os rodeiam?

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI Nº. 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.), art. 103, “considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”, logo, a cautela de uma análise aumenta consideravelmente, pois um único ato pode ser considerado indisciplinar ou infracional, dependendo do contexto ocorrido, exemplo: uma ofensa verbal pode ser considerada como um ato de indisciplina, porém, se a mesma for de cunho ameaçador, difamador ou de teor pejorativo pode ser considerada como infração.

Outra vertente a ser analisada é de que dentro do âmbito escolar um simples desentendimento de sentimentos ou de opiniões pode desencadear um tipo de violência. Embora o conflito (que pode ser entendido como opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento) faça parte de nossa vida junto a sociedade e, que há o lado bom e o ruim deste, a maioria insiste em relevar somente a vertente negativa. Segundo o autor CHRISPINO (2002), podemos tirar duas conclusões:

[...] nas escolas e na vida, só percebemos o conflito quando este produz suas manifestações violentas. [...]: a primeira é que se ele se manifestou de forma violenta é porque já existia antes na forma de divergência ou antagonismo, e nós não soubemos ou não fomos preparados para identificá-lo; a segunda é que toda a vez que o conflito se manifesta, nós agimos para resolvê-lo, coibindo a manifestação violenta. E neste caso, esquecemos que problemas mal resolvidos se repetem! (apud CHRISPINO, 2007).

Então podemos inferir que se padronizarmos um modelo de aluno, de professor ou de escola, estaremos propensos a cometer um mesmo erro constantemente – o erro de não respeitarmos as diferenças de opiniões, valores e de costumes. Se não estivermos abertos ao diálogo, a flexibilidade e mantivermos a padronização de indivíduos, aí sim, poderemos abrir caminho para manifestações violentas.

Segundo pesquisa realizada por Álvaro Chrispino (2007), os conflitos podem ter as seguintes origens:

Entre alunos e docentes, por: não entender o que explicam; notas arbitrárias; divergência sobre critério de avaliação; avaliação inadequada (na visão do aluno); discriminação; falta de material didático; não serem ouvidos (tanto alunos quanto docentes); desinteresse pela matéria de estudo. *Entre alunos*, por: mal entendidos; brigas; rivalidade entre grupos; discriminação; bullying; uso de espaços e bens; namoro; assédio sexual; perda ou dano de bens escolares; eleições (de variadas espécies); viagens e festas.

Se a pretensão for evitar conflitos ou a propagação de conseqüências maiores como a violência, a escola deve conscientizar-se de que é um universo que reúne alunos diferentes, que é um âmbito onde certamente o conflito pode vir a se instalar. E, se o conflito for inevitável, o ofício da mediação deve ser apreendido

pelos sujeitos que contemplam a área educacional. Álvaro Chrispino (2007) ainda reitera:

Pedir aos estudantes disciplina, sem provê-los das habilidades requeridas, é como pedir a um transeunte que encontre Topeka, Kansas, sem fazer uso de uma bússola [...]. Não podemos esperar que os estudantes se comportem de um modo disciplinado se não possuem as habilidades para fazê-lo.

Há outras definições dos termos *disciplina* e *indisciplina* que pode também inquietar. É o caso, por exemplo, da apresentada por Yves De La Taille (1996, p.10) que entende a indisciplina como um sentimento de revolta contra normas ou desconhecimento das mesmas se considerarmos a disciplina como comportamentos regidos por um conjunto de regras respaldadas em modelos ou padrões.

Do ponto de vista histórico, como também do cultural e do social, consideráveis foram as mudanças que ocorreram. Basta olharmos para alguns costumes que eram como ditames e hoje grande porcentagem dos indivíduos não mais se enquadram em tais parâmetros, como por exemplo: mulheres servem para cuidar da casa, dos filhos, afazeres domésticos e submissas aos cônjuges; não precisamos ir muito longe, olhemos para a grande conquista do voto, anteriormente, um direito apenas do homem considerado cidadão. Tudo isso para dizer que as necessidades vão surgindo e transformações vão acontecendo. Isso também serve para os acontecimentos que envolvem a educação. Com tanta mudança acontecendo na sociedade ou em outros âmbitos que cercam um sujeito, nas famílias, nas escolas, com as crianças, com adolescentes; se não permitirmos flexibilidade nos relacionamentos ou não considerarmos que os tempos mudam e precisamos nos adequar ao mesmo, corremos um sério risco de pararmos no tempo e não sabermos mais como manter ou desenvolver um diálogo e cidadania. É como dizer que o sujeito usa uma vestimenta com tamanho menor ao número que lhe serve; o mesmo pode se dizer de comportamentos hoje julgados indisciplinados.

Aquino (1996, p. 45), em seus estudos, também menciona que a indisciplina pode ser considerada como resistência e produtora de novas significações e funções, como se determinado espaço fosse feito para um modelo de sujeito, porém, ocupado por outro com perfil diferente (ou oposto), isso porque:

Ela pode estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas de valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-lo plenamente. [...] Equivaleria, pois, a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico e velhas formas institucionais cristalizadas.

Percebemos a necessidade de se respeitar o momento (histórico, social, econômico e cultural) em que os sujeitos estão vivendo, dar a devida relevância aos acontecimentos e buscar alternativas flexíveis e cabíveis para possibilitar a relação e articulação das partes interessadas, ou seja; educador, responsável e sujeito (aluno/filho). Caso contrário, não há precisão das conseqüências que poderão ocorrer.

2.2 Estilos Parentais – Seu Reflexo nos Filhos

Neste momento abordaremos estilos parentais e aprofundaremos nos estilos de profissionais (professores); seus reflexos nos filhos e alunos; como a tendência à repetição das atitudes dos primeiros pelos segundos.

O ambiente familiar é a primeira instância que direcionará a postura de sua geração (filho). Vale aqui ressaltar uma consideração feita por Oliveira (2005, p. 50) referente a estrutura deste âmbito:

Quando menciono a família não estou me referindo à concepção tradicional com a presença de pai, mãe e filhos, pois se sabe que esta estrutura familiar vem sofrendo grandes transformações. O ambiente familiar a que me refiro é aquele em que a criança convive, seja com os pais, avós, tios, padrinhos, etc., pois serão estas pessoas que a criança tomará como exemplo e que direcionarão e influenciarão em sua conduta.

Considerando a citação acima e o que se entende por ambiente familiar, abordaremos os estilos parentais de educação que propagam. Como cita Weber et al. (2004) há:

O Estilo Autoritário: em que os pais ditam as regras e estas não podem ser questionadas tão pouco contrariadas. Punição faz parte

da prática educativa e as regras e condutas estabelecidas devem ser cumpridas. A obediência é estimada.

O Estilo Permissivo: este, por sua vez vem a ser um outro extremo, pois aqui, os pais são os receptores e realizadores de sonhos e desejos dos filhos. Não há ação punitiva, no entanto, não são vistos como modelos de agentes responsáveis que direcionam conhecimentos.

O Estilo Autoritativo: pais que adotam este estilo parental são vistos como socialmente e instrumentalmente mais competentes, isso porque mantêm diálogo com os filhos; que mesmo que exijam algo, também permitem que os filhos exponham seu “lado” e opiniões. O que proporciona num futuro muito próximo ao indivíduo, aspectos positivos como alto índice de competência psicológica e baixo índice de disfunção comportamental e psicológico.

Os estilos parentais, além de influenciar diversos aspectos do desenvolvimento dos filhos, podem determinar o estilo parental que os mesmos adotarão futuramente. O cuidado deve estar em não confundir os conceitos de pais severos / autoritários e pais liberais / comunicativos (autoritativos). A necessidade aqui é alcançar a flexibilidade e conseqüentemente o equilíbrio. Os pais e/ou responsáveis devem manter diálogo com suas crianças, permitir que as mesmas exponham suas idéias propiciando que o respeito exista, seja recíproco e se fundamente em suas relações; o que não significa dizer que os filhos têm permissão para ditar as regras dentro de casa, mas que participe e colabore para o estabelecimento das mesmas.

Estilos parentais foram anteriormente e sucintamente definidos, no entanto, o trabalho não faz julgamento de qual é o correto e o errado, pois cada geração vive sua experiência de acordo com seu tempo e espaço. Segundo Montandon (2005):

Os efeitos das práticas educativas dos pais sobre as crianças não são evidentes e não se pode dizer de maneira absoluta que tal ou tal estilo educativo é melhor ou produz bons resultados. Tudo depende dos contextos e das situações [...].

Sendo a família a primeira instância educadora do indivíduo, grande e fundamental é seu papel perante o mesmo e à sociedade, pois o que a este ensinar terá repercussão no âmbito em que se encontrar, automaticamente na sociedade. Como, mais tarde, querer cobrar do sujeito amor, carinho, afeto, respeito, empatia; se nada disso a ele foi dito ou demonstrado; ou então, como extinguir

determinados comportamentos se nos momentos que deveria ser dito não, foi dito sim? Segundo Oliveira (2005, p. 51) muitas vezes “os familiares [...] não sabem como impor limites e esclarecer às crianças que elas têm direitos, mas também, deveres a cumprir”. Que as responsabilidades deste ambiente (familiar) não sejam delegadas para outros, pois cada uma tem sua parcela de méritos, cuidado e de culpa. O filho carrega consigo o reflexo de seu responsável. Pode não agir como tal, mas terá em sua memória e carregará em seu corpo todo o gama de sensações, sentimentos e atitudes que a ele foi passado.

2.3 Estilos de Professores – Seu Reflexo nos Alunos

Se estilos parentais têm repercussão nos filhos, influências consideráveis também pode-se dizer que os alunos sofrem no âmbito escolar de acordo com o que seus professores refletem, tendo estes o “poder” de inferir no desempenho, nas emoções e vínculos dos / com os alunos. Em nossos dias, podemos verificar diferentes “tipos” de profissionais – aqui serão mencionados, especificamente, dois - sendo um: aquele que se mantém enrijecido ao seu método de ensino, acreditando que somente esta forma é válida para se ensinar e garantir o respeito dos alunos – é o professor com postura controladora; como há outro: que se propõe às discussões, permite diálogo admite a existência de troca de conhecimentos e acredita ser o mediador-motivador da capacidade de seus alunos – é o professor promotor de autonomia. A escola, e junto com ela os professores, circundam os seus integrantes (alunos) podendo – dependendo da maneira de como agem – comprometer ou garantir o êxito dos mesmos. É o que garante os autores Pajares & Schunk, (2001, p.2 apud GUIMARÃES & BORUCHOVITCH, 2004) quando mencionam que: “A escola representa para a sociedade ocidental uma fonte socializadora de grande impacto na vida das pessoas”.

O professor reconhecido como promotor de autonomia é aquele profissional que instiga seu aluno na construção e desenvolvimento de seu conhecimento e experiências, que se envolve e permite uma aproximação posicionando-se de maneira empática ao aluno para compreender suas dúvidas e, quem sabe, seus temores. Permitindo este vínculo, o docente desencadeia em seu alunado uma “motivação intrínseca em sala de aula que caracteriza-se por

curiosidade, interesse, atenção concentrada, persistência e um alto envolvimento nas atividades de aprendizagem, que são buscadas como um fim em si mesmas”. (GUIMARÃES, 2001 apud GUIMARÃES, BZUNECK, BORUCHOVITCH, 2003).

Já o professor reconhecido como controlador é aquele que, como o próprio nome já diz controla, supervisioniza, fiscaliza e administra todo o decorrer da aula assim como os conteúdos ali transmitidos. Acreditando ser ele, e somente ele, o detentor do saber, portador de conhecimento válido para ser ensinado. Guimarães e Boruchovitch (2004) definem de maneira clara e direta os professores controladores como profissionais que:

[...] confiam em um estilo relativamente controlador, estabelecem para seus alunos formas específicas de comportamentos, sentimentos ou de pensamentos, oferecendo incentivos extrínsecos e conseqüências para aqueles que se aproximam do padrão esperado. No ambiente de sala de aula o controle é a principal característica.

A intenção neste sub-tópico foi tentar definir dois estilos de professores, em que consistem suas posturas, seus procedimentos e reflexos nos alunos; como também mencionar que o impacto de suas atitudes poderá ou não desenvolver a motivação nos mesmos. O desempenho escolar do discente está diretamente ligado ao encaminhamento dado pelo professor.

O grande cuidado que deve ser tomado é não adotar determinada postura, tomá-la como dogma e idealizar um padrão de aluno ou educação, desconsiderando aqueles que fugirem da “perfeição” criada pelo professor e / ou escola. Da mesma maneira que há posturas diferentes de docentes, o mesmo vale para os alunos. A aproximação e vínculo precisam ser admitidos por ambos para que estereótipos de alunos e professores não sejam propagados no âmbito escolar.

De acordo com o atual desenvolvimento da área, as expectativas dos professores sobre como envolver os alunos com as atividades escolares podem ser concretizadas, em parte, na medida em que o ambiente escolar supra as necessidades psicológicas básicas dos estudantes. Esta não é uma tarefa de fácil realização, mas depende do esforço em se criar interações promotoras de autonomia e menos controladoras [...] a criação da cultura de uma "comunidade escolar" na qual todos os alunos e professores sintam-se aceitos e emocionalmente vinculados representaria o chamado "pano de

fundo", ou seja, a segurança necessária para a ação de aprender. (GUIMARÃES E BORUCHOVITCH, 2004).

2.4 Rótulos / Estereótipos de Alunos

Rótulos e estigmas costumam perpetuar sobre os alunos, e de maneira mais comum, num sentido pejorativo reconhecidos muitas vezes como “alunos-problema”. A intenção aqui é procurar definir as categorias de alunos em que estes se enquadram – se podem ser considerados como tal ou se há aqui uma visão estereotipada. Segundo Aquino (1998):

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais "distúrbios de aprendizagem") ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de "indisciplinadas".

Dentre os estilos de alunos, mencionemos categorias destes e definições sobre os mesmos.

Categoria aluno “desrespeitador”: compreendido como aquele que ofende, insulta e / ou desacata o professor em sala de aula; também reconhecido como o que pensa que pode tudo ou que todas as coisas lhe são permitidas. As coisas não são bem assim! Temos por costume recordar situações vividas em épocas anteriores cuja obediência e respeito se fazia presente a todo instante em sala de aula, o erro cometemos quando não consideramos que a história e a sociedade passaram por transformações – de coerção e de medo para democrática. O saudosismo não nos cabe mais. Profissionais que insistirem em enaltecer o aluno calado, imóvel e obediente continuará com a opinião e com o rótulo de que tem aluno desrespeitador em seu âmbito de trabalho. Segundo Aquino:

Assim, quando constatamos que nosso aluno de hoje não viveu esses tempos históricos obscuros, que ele é fruto de outras coordenadas históricas - e agora estamos nos referindo à abertura democrática -, fica claro que precisamos estabelecer outro tipo de relação civil em sala de aula.

É óbvio que uma relação de respeito é condição necessária (embora não suficiente) para o trabalho pedagógico. No entanto, podemos respeitar alguém por temê-lo ou podemos respeitar alguém por admirá-lo. Mas, convenhamos, há uma grande diferença entre esses dois tipos de "respeito". O primeiro funda-se nas noções de hierarquia e superioridade, o segundo, nas de assimetria e diferença. E há uma incongruência estrutural entre elas! (1998).

Categoria aluno "sem limites": Como se fosse um sujeito sem regras estabelecidas, ou se estabelecidas – não cumpridas, sem limites – nada que o contraponha. Sem valores e costumes morais condizentes com o contexto vigente. Como se a permissividade pairasse em todas as circunstâncias. No entanto, ainda me referindo ao autor (1998), este comenta que:

[...] esse tipo de entendimento da questão disciplinar, mais de cunho psicológico, merece pelo menos dois reparos: o primeiro, com relação à idéia de ausência absoluta de limites e do desrespeito às regras; o segundo, sobre a suposta permissividade dos pais.

Deixemos claro que nenhum ser humano está ileso de ter algum vestígio de regra, limite e valor moral – não existe absoluta ausência destes na vida de um indivíduo - o que podemos verificar quando um grupo de crianças ou adolescentes estão jogando e alguma regra é desrespeitada, chama-se a atenção automaticamente.

[...] a inquietação e a curiosidade infantis ou do jovem, que antes eram simplesmente reprimidas, apagadas do cotidiano escolar, podem hoje ser encaradas como excelentes ingredientes para o trabalho de sala de aula. Só depende do manejo delas... (AQUINO, 1998).

A última categoria faz referência ao aluno "desinteressado": que vem a ser aquele distraído, despreocupado ou sem empenho ao que lhe está sendo proposto. Como se o aluno prestasse atenção somente quando determinada proposta é aprazível aos seus olhos. Claro que a maneira como se aplica a atividade tem sua relevância, e que se deve considerar que o processo de "digestão" de informações seja mais lento, porém, não significa dizer que não tem valia. Segundo Aquino (1998):

Escola é lugar de trabalho árduo e complexo, mas nem por isso menos prazeroso. [...] Na escola, portanto, não se "repassam" informações simplesmente: ensina-se o que elas querem dizer, para muito além do que elas dizem. [...] o objetivo da ação docente não é "transmitir" ou difundir determinados produtos, tais como dados, fórmulas ou fatos, mas fundamentalmente reconstruir o caminho percorrido antes que se chegasse a tais produtos. Sala de aula, portanto, é o lugar onde o pensamento deve se debruçar por alguns instantes sobre algumas indagações basais da vida, aquelas corporificadas pelas questões impostas pelos diferentes campos do conhecimento e seus múltiplos objetos.

Algo que não deve ser esquecido é de que um mesmo aluno "indisciplinado" com um professor nem sempre é indisciplinado com o outro. Como se tal comportamento afluísse dependendo das circunstâncias. Diz Aquino (1998): "Por isso, talvez devêssemos nos indagar mais sobre essas circunstâncias, e, por extensão, despersonalizar o nosso enfrentamento dos dilemas disciplinares".

3 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Após o estudo teórico sobre as idéias, concepções e conceitos do termo indisciplina nos dois capítulos anteriores, seguiremos para uma análise de dados coletados em uma pesquisa de campo. O objetivo consiste em descrever o percurso da pesquisa e posteriormente, fazer a análise de seus resultados.

3.1 Desenvolvimento Da Pesquisa

A modalidade escolhida foi o estudo de caso descritivo qualitativo. Nessa modalidade de pesquisa, os dados estudados procuram evidenciar o entendimento (percepções / concepções) de professores sobre o conceito de indisciplina.

Os participantes do estudo foram, no total, nove professores da rede pública, sendo: três professores da rede municipal (de 1ª à 4ª série ou 1º ao 5º ano, segundo o novo ciclo) e seis professores da rede estadual (três pertencentes a 5ª à 8ª série ou 6º ao 9º ano, segundo o novo ciclo; e três pertencentes ao ensino médio).

O campo de investigação foram 3 escolas, que serão designadas de escola 1, escola 2 e escola 3, descritas a seguir e respectivamente.

Escola1: Trata-se de uma escola municipal, de bairro, que possui uma boa estrutura física. Comporta oito salas de aula, biblioteca, banheiros femininos e masculinos, cantina, sala da direção, sala de reuniões, sala de professores, pátio bem amplo e uma grande quadra de esportes coberta. Não há pichações nos muros. Comporta um estacionamento próprio para os carros dos funcionários da mesma. No período matutino e vespertino são ministradas aulas do Ensino Fundamental 1 e no período noturno são ministradas aulas de Educação de Jovens e Adultos.

Escola 2: Refere-se a uma escola estadual, também de bairro, cuja estrutura física é maior que da escola mencionada anteriormente. O muro, do lado de fora, contém uma pequena pichação, mas do lado de dentro tudo é bem limpo, sem danificações do âmbito público. Não andamos por toda a estrutura do colégio, mas foi possível verificar que contém um bom número de salas de aula, banheiros

femininos e masculinos, cantina, sala da direção, de reuniões e de professores. A quadra é bem grande, cercada, porém não coberta. A secretaria é logo na entrada. Há estacionamento próprio, não precisando os carros dos funcionários ficarem fora do âmbito escolar. Tanto no período matutino quanto vespertino são ministradas aulas do Ensino Fundamental 2. Não há aulas no período noturno. Interessante mencionar é que nesta escola são os alunos quem trocam de salas de uma aula para outra e não os professores quem vão para as respectivas turmas de acordo com seus horários.

Escola 3: Uma escola também de bairro cuja estrutura física foi maior ainda que das escolas anteriormente citadas. Nesta, são ministradas aulas para turmas de ensino fundamental 2 como também de ensino médio. Há quatorze salas de aula, banheiros masculinos e femininos e um para portadores de necessidades especiais, uma quadra de esportes não coberta, uma sala de professores onde também acontecem as reuniões quando necessárias, sala da direção, secretaria e estacionamento. Vale mencionar que tanto nesta escola como nas demais, os estacionamentos não são cobertos. Nesta escola são ministradas aulas em todos os períodos, que na verdade, são cinco (o que veio a chamar a atenção desta terceira escola), pois para atender a demanda de alunos, além dos períodos matutino, vespertino e noturno, foi necessário criar mais dois, sendo o intermediário manhã e o intermediário tarde.

A presente pesquisa, por questão de sigilo do nome da escola como também daqueles que se propuseram a responder o questionamento, coletou somente as iniciais das instituições como dos participantes. Outro dado importante considerado foi o tempo de formação e atuação destes docentes. Posteriormente, poderemos avaliar que, independente do nível da área de educação, o comportamento considerado indisciplinar existe em toda escola, passa por todas as idades e professores presenciam tais acontecimentos todos os dias.

3.2 Análise Dos Resultados Das Pesquisas

Os dados coletados junto aos professores consistiram na obtenção de informações, concepções e / ou entendimento dos mesmos sobre o conceito de indisciplina; as manifestações comportamentais em sala de aula consideradas

indisciplinares e quais as expectativas que estes profissionais têm *no e para* o âmbito em que atuam junto aos sujeitos que o compõem.

Devido a um momento muito turbulento nas escolas (final de bimestre) não houve entrevista cuja conversa tenha sido gravada. O procedimento adotado foi um questionário contendo quatro perguntas, as quais foram respondidas por nove professores que se prontificaram no auxílio deste trabalho.

No decorrer das apresentações das respostas obtidas, verificaremos algumas semelhanças das considerações do ensino Fundamental 2 e ensino médio que se diferencia em partes, mas por várias vezes, do ensino Fundamental 1. Segue a seguinte legenda para identificação dos professores e algumas considerações sobre os mesmos:

- Professor (a) de Ensino Fundamental 1 – PF1 I / PF1 II / PF1III
– Todos eles atuam na Escola 1
- Professor (a) de Ensino Fundamental 2 – PF2 I / PF2 II / PF2III
– Todos eles atuam na Escola 2
- Professor (a) de Ensino Médio – PEM I / PEM II / PEM III
– Todos eles atuam na Escola 3

O PF1 I tem por tempo de formação oito anos, atua há quinze anos.

O PF1 II tem por tempo de formação a graduação e especialização; atua há um ano e meio.

O PF1 III tem por tempo de formação vinte e um anos e atua há quinze anos. (É também professora de ensino fundamental 2, leciona a disciplina de matemática).

O PF2 I tem por tempo de formação vinte e dois anos e atua há vinte anos. Leciona a disciplina de matemática.

O PF2 II tem por tempo de formação dezoito anos e atua há quatorze anos. Leciona a disciplina de história.

O PF2 III tem por tempo de formação nove anos e atua há sete anos. Não mencionou a disciplina na qual atua.

O PEM I tem por tempo de formação dez anos e atua há dez anos. Leciona a disciplina de matemática. (É também professor de ensino fundamental 2).

O PEM II tem por tempo de formação vinte e três anos e atua durante o mesmo período (vinte e três anos). Leciona a disciplina de física.

O PEM III tem por tempo de formação treze anos e atua há cinco anos. Leciona a disciplina de história. (É também professor de ensino fundamental 2).

Partamos neste momento às respostas coletadas na pesquisa de campo e análises sobre as mesmas.

O primeiro questionamento foi: “**O que você considera indisciplina?**”. Abaixo seguem, na íntegra, as considerações:

PF1 I: “Indisciplina é quando um indivíduo ou criança não aceita ou tem dificuldades de incorporar regras de convivência social, ou seja, a criança indisciplinada não tem empatia com o grupo social que está inserido e muitas vezes torna-se agressivo e faz de tudo para incomodar, agitar ou desequilibrar a harmonia do ambiente e das pessoas”.

PF1 II: “Falta de interesse pela aprendizagem, descompromisso e o transtorno do interesse do resto da turma”.

PF1 III: “Indisciplina é quando não há respeito às regras estabelecidas, é a agressividade contra os direitos do próximo”.

PF2 I: “Alunos desatentos, desinteressados que cometem ações que atrapalham a aprendizagem dos colegas de sala. Alunos com falta de limites que não sabem cumprir normas, regras estabelecidas para viver em comunidade”.

PF2 II: “Para mim é quando o aluno atrapalha a minha aula falando alto demais, andando pela sala, brigando com os colegas”.

PF2 III: “Qualquer atitude que seja contrária ao desenvolvimento pleno do aluno. Conversas paralelas, andanças pela sala, gritos, algazarras, preguiça, são algumas das atitudes indisciplinadas que atrapalham a aprendizagem do aluno”.

PEM I: “Bagunça, desatenção, não se concentrar na explanação do professor, conversa constante sem relação aos assuntos tratados em sala, falta de educação, agressividade, em outros aspectos”.

PEM II: “Considero indisciplina toda e qualquer ação em sala de aula que prejudique o desempenho dos alunos durante a realização das explicações e a execução das atividades propostas pelo educador”.

PEM III: “Indisciplina é o tipo de atitude (fala, ação) que inviabiliza o andamento das atividades em sala de aula”.

Analisando e comparando as respostas percebemos que há profissionais que consideram a indisciplina como atitude que parte de um indivíduo (ou de alguns deles) que, por sua vez, contagia demais colegas (quando não a turma inteira). A falta de interesse, a desatenção foi mencionada de maneira a entendermos que seja algo próprio do aluno e não que haja alguma circunstância em sala que provoque ou permita que isso ocorra. Outros professores consideraram e relevaram a indisciplina como o não cumprimento de regras, limites e normas estabelecidas para um bom convívio em sala de aula e em comunidade. As características marcantes de indisciplina, e por vezes mencionadas, foram comportamentos que tumultuam o andamento de atividades e explicações propostas à aula chegando ao incômodo e agressividade seja do indivíduo com ele mesmo e deste com os demais – colegas e professores. Um prejuízo individual e coletivo.

O segundo questionamento foi: **“Em que momento você a (indisciplina) observa em sala de aula?”**. Obtivemos:

PF1 I: “No momento em que a criança torna-se agressivo e não tem envolvimento afetivo com a turma e com a professora. Com isso, tenta chamar a atenção com agressões verbais, gestuais e físicas com as pessoas que o cerca”.

PF1 II: “Observo nos momentos que alguns alunos se aproximam dos que apresentam dos que não se interessam, esses que não se interessam engloba os com várias dificuldades tanto cognitiva quanto familiar”.

PF1 III: “A todo momento estou observando e analisando o comportamento e as atitudes dos alunos e eu observo a indisciplina quando as crianças deixam de pensar no coletivo e começam a serem individualistas”.

PF2 I: “Início da aula e final. Normalmente os alunos “indisciplinados” cometem a indisciplina em qualquer momento. A indisciplina é observada desde que eles (alunos) entram no espaço escolar. Às vezes fora da escola”.

PF2 II: “Principalmente quando eles entram para a sala de aula na troca de sala”.

PF2 III: “Nos momentos de entrada (início das aulas) sempre há indisciplina, e em alguns momentos de ociosidade, quando terminam as atividades propostas, antes de começar uma outra. Trata-se de salas heterogêneas onde os alunos têm tempos diferenciados para o término das atividades, aqueles que terminam primeiro, acabam provocando a indisciplina na sala”.

PEM I: “Na situação atual em que se encontra a nossa Educação, o tempo todo, praticamente. Perde-se mais tempo

chamando os indivíduos à atenção, do que abordando os conteúdos programados”.

PEM II: “Durante a realização das atividades e no momento das explicações de um conteúdo”.

PEM III: “Não há um momento específico, pode surgir em qualquer momento. É mais fácil identificar quando não há (geralmente): nos momentos de realização de prova”.

Duas das três professoras do ensino fundamental 1 mencionam que a indisciplina é observada quando o indivíduo, por um motivo ou outro, porta-se como individualista, quer dizer quando se nega ou não se percebe parte de um coletivo. Como se tomasse atitudes, muitas vezes agressivas, para ter a atenção voltada para si. Por vezes menciona-se a agressividade como atitude indisciplinar. A última professora, desta modalidade de ensino, relata coincidência de que o aluno indisciplinado possui também dificuldades familiares e cognitivas.

Os profissionais do ensino fundamental 2 tiveram opinião unânime em relatar os momentos de indisciplina observados em sala de aula. Tanto do início quanto no término das aulas (vale recordar que nesta escola, conforme mencionado anteriormente, são os alunos quem trocam de salas de uma aula para outra) e mais, acrescenta-se ainda na observação, que momentos de ociosidade dos alunos também abrem espaço para que o tumulto ocorra.

Analisadas as respostas dos professores do ensino médio entende-se que a indisciplina é observada a todo instante, pois tais comportamentos inadequados ocorrem a todo o momento em que se explica algum conteúdo ou tira-se dúvidas de exercícios. Uma falta de empatia por parte dos alunos que não cooperam com professores e colegas.

Discrepantes foram as opiniões entre os professores das modalidades de ensino quando chegamos no terceiro questionamento que dizia: “**O que você acha que falta para trabalhar com tal situação?**” (de indisciplina):

PF1 I: “Falta trabalhar a afetividade, confiança e o respeito. Devemos conhecer a realidade do outro para traçar metas e objetivos de se trabalhar as regras”.

PF1 II: “Falta a real integração e ação de fato do grupo escolar com aliados como assistência social (conselho tutelar), apoio médico: psicológico, fonoaudiólogo, neurológico e o grupo de psicopedagogos”.

PF1 III: “Hoje as pessoas têm apresentado comportamentos individualistas, egoístas, pois querem alcançar seus objetivos da forma mais fácil, está se perdendo muitos valores; o respeito, o amor ao próximo, a valorização da vida e cabe a nós, professores e familiares, despertar estes valores em nós e nas crianças”.

PF2 I: “Conscientização da família. Falta de limites e descumprimento de normas e regras, desrespeito são “ações” que aprendemos desde criança. Existem “pais” ou responsáveis que não sabem ensinar o que eles não “têm” ou sabem”.

PF2 II: “O que mais se nota é a falta de educação do aluno, não sabem respeitar, ouvir, obedecer regras”.

PF2 III: “Principalmente falta “tempo” para o professor elaborar atividades extras e aplicá-las aos alunos “indisciplinados”, nestes momentos ociosos, porém, infelizmente as horas atividades dos professores resumem-se em elaborar e corrigir avaliações”.

PEM I: “Levar toda a comunidade à consciência do que é o PROCESSO EDUCATIVO, inclusive as instâncias legais; já que estas também deixam o professor sozinho em sala de aula diante à indisciplina”.

PEM II: “Cursos em contraturnos para tornar a escola mais interessante ao estudante. (xadrez, artes, artesanatos, etc...)”.

PEM III: “O Estado precisa implantar uma política que iniba a indisciplina. Vejo que salas muito cheias de alunos é dar margem para a indisciplina porque os alunos precisam da atenção do professor, não a obtendo fazem outras coisas”.

Os resultados coletados referente a esta questão variaram desde um trabalho coletivo que englobasse família, educadores, instituições, políticas e demais profissionais; até aqueles que delegaram toda a responsabilidade aos pais ou responsáveis pelos indivíduos causadores de indisciplina; como se valores e costumes fossem aprendidos dentro de casa e não tivesse uma continuação dos mesmos dentro do âmbito escolar. Enquanto há docentes que entendem que trata-se de um assunto delicado, que precisa ser trabalhado coletivamente, que tenha uma continuidade de cuidados e atenção dentro de casa, dentro da escola e que o sujeito precisa de atenção, pois se ele manifesta determinado comportamento é porque está alarmando que tem algo incomodando; há outros profissionais da área que deixaram claro que estão ali para darem a aula, passarem o conteúdo e que não gostam e não querem ser atrapalhados; não se preocupando com a realidade de seu aluno nem se interessando em saber se há uma outra maneira de aproximar-se do mesmo.

Os professores do ensino fundamental 1 entendem que para trabalhar com as situações que se colocam cotidianamente faz-se necessário não se ocupar somente de conteúdos com os alunos, mas também conhecer a realidade deles. O âmbito que rodeia estas crianças pode auxiliar ou comprometer seu desenvolvimento e aprendizado e, por isso, relatam a importância do acompanhamento e participação de diferentes competências (familiares e profissionais). Tendo toda esta gama de atenção e preocupação com o sujeito que é filho e também é aluno melhora-se a confiança, a aproximação, a afetividade, o respeito, valores e empatia junto a cooperação ao próximo. Prepara o indivíduo para um convívio em sociedade, pois é neste âmbito que passará os demais dias de toda sua vida.

Referente aos profissionais do ensino fundamental 2, um deles deixou claro que se faltou alguma coisa para trabalhar com tal situação (de indisciplina) foi de ordem e competência familiar. Se há descumprimento de regras e limites, deve-se ao fato de que os pais ou responsáveis não ensinaram aos filhos. Um outro profissional declarou a falta de educação do aluno por não saber respeitar, ouvir e obedecer. O terceiro professor desta modalidade de ensino acredita que para trabalhar com esta situação em sala de aula faz-se necessário aplicar mais atividades para os alunos evitando assim, a ociosidade. Não mencionaram a necessidade de diálogo com este(s) aluno(s), nem a intenção de preocupação com o(s) mesmo(s); como se se concentrassem unicamente em seu horário de aula e aplicabilidade de conteúdos e exercícios (estão ali com esta finalidade), fugindo de sua alçada qualquer responsabilidade referente as atitudes “indisciplinadas”.

Os resultados obtidos dos professores do ensino médio também tiveram um olhar amplo sobre o que falta e o que poderia ser feito para trabalhar com estas situações. Consideram a necessidade de proporcionar atividades atrativas aos alunos, assim como a precisão de respaldo de instâncias legais para desempenharem o devido trabalho em aula.

A seguir, obtivemos as seguintes respostas para o quarto e último questionamento que dizia: **“Do seu ponto de vista, qual o procedimento para evitar a indisciplina em sala?”**:

PF1 I: “Evitar” é uma palavra forte, difícil de ser retirada da realidade escolar dos dias atuais. Se houvesse uma receita

pronta e eficiente seria ótimo para todos os docentes, mas não há! O procedimento que considero como bom, é chegar ou ter um contato afetivo, procurando conhecê-lo e ao mesmo tempo respeitando-o e levá-lo a perceber que o respeito deve ser recíproco e que existem regras e comportamentos em que a sociedade exige de todo indivíduo”.

PF1 II: “Tratar de todos os problemas que envolvem a educação – ensino – aprendizagem de maneira preventiva, assim que se perceba tudo inicialmente e não deixar que tudo tome formas grotescas à maneira que se apresenta nos dias de hoje”.

PF1 III: “Conscientizar que temos que respeitar os colegas, devemos ser solidários com os que apresentam dificuldades, pois muitas vezes os alunos são agressivos para chamar a atenção por suas carências (emocionais, físicas e psicológicas)”.

PF2 I: “A indisciplina é um problema que está além dos muros escolares. O que causa a indisciplina é a desestrutura familiar, pois trabalhar com alunos que sabem o valor do respeito ao próximo é tranquilo”.

PF2 II: “Tentar ocupar o aluno o maior tempo possível com atividades”.

PF2 III: “Evitar a ociosidade. Ter mais respaldo da família, ou seja, quando os pais forem chamados por indisciplina de seus filhos, deveriam ficar ao lado da escola e corrigir com veemência, mas isso não é o que vemos acontecer. Atividades mais atrativas e envolventes também ajudam”.

PEM I: “* Para começar um apoio LEGAL, não um “apoio” onde somente se pune a escola e o professor. * Basear o processo educativo na procura de uma educação de “qualidade” não de uma educação em que se leva em conta as quantidades (Exemplo: número de alunos para isso, número de alunos para aquilo). * apoio da família do aluno, acompanhando-os dia-a-dia durante toda Educação básica. * Um maior empenho do professor em deixar a aula pouco mais atrativa à atenção do aluno”.

PEM II: “Em primeiro lugar eu acredito que um número adequado de alunos por sala seria interessante e, em segundo lugar, um compromisso maior de todos os envolvidos no contexto de ensino desde a família até o professor”.

PEM III: “Teoricamente aulas atrativas, isto é, com conteúdos voltados ao mundo do aluno. Isso passa pelo tempo do professor em se dedicar à preparação de aulas com esse caráter. Professores em que os alunos sentem seguranças de conteúdo também menos problemas, mas não a elimina”.

Embora seja um questionamento um tanto quanto subjetivo, os professores foram diretos e objetivos em dizer quais os procedimentos, de acordo

com seus pontos de vista, para evitar a indisciplina. Consideremos mais uma vez por modalidade de ensino.

Os professores do fundamental 1 foram aqueles que mais uma vez se demonstraram atenciosos e preocupados com seu alunado, relevando que há circunstâncias que ultrapassam os muros da escola. Estas, tanto são levadas para a sala de aula como acompanham os alunos de volta para casa, por isso acreditam que não se trata de evitar determinados comportamentos, mas compreender porquê os mesmos acontecem e o que pode ser realizado em conjunto para, quando não evitá-los, pelo menos diminuí-los. Dando a devida atenção aos acontecimentos em sala de aula, percebendo mudanças inicialmente, há grande chance de contornar e quem sabe extinguir ações que venham a atrapalhar o andamento coletivo. Não há receitas, não estão falando de salas homogêneas. Estes professores acreditam que trabalhando o respeito, a solidariedade e a reciprocidade com os alunos, seja possível, ao menos, diminuir os comportamentos desagradáveis, e que, existem muitas regras e limites que são impostos, pela sociedade, a todos os indivíduos.

Um dos docentes do ensino fundamental 2 mencionou que para evitar a indisciplina em sala de aula deve-se manter os alunos ocupados com atividades, o máximo possível, evitando assim a ociosidade. Um outro profissional também acredita que o problema de indisciplina vai além dos muros da escola, no entanto, diferentemente do que defendem os professores da modalidade anterior; este docente acredita que é devido a desestrutura familiar que a indisciplina é desencadeada e que, não cabe a ele resolver problemas que não diz respeito ao seu horário de aula. Já um terceiro profissional menciona mais alternativas como: procurar evitar a ociosidade em sala, ter respaldo da família e que esta volte a atenção para os levantamentos e apontamentos que os professores fazem, pois se levam ao conhecimento e solicitam parecer familiar é porque vêem necessidade. Também mencionou que atividades que chamem a atenção dos alunos pode auxiliar como procedimento.

Analisando as respostas da modalidade do ensino médio, os professores transcenderam as expectativas neste questionamento. Fizeram vários levantamentos que poderiam auxiliar em sala de aula como: abordar em seus conteúdos, assuntos que contemplassem a realidade dos alunos tornando-os interessante aos olhos do alunado. Redução do número de sujeitos em sala com intuito de qualificar as aulas e dispensar a devida atenção aos mesmos e; não

menos importante, o apoio familiar em que seja possível a relação sujeito-família-escola com comprometimento e cumplicidade de todos. Não mencionaram a quantidade de atividades, mas a qualidade das mesmas.

Partamos para uma discussão entre os levantamentos e posicionamentos de teóricos e professores descritos neste projeto de pesquisa: as discrepâncias e imbricações entre eles.

3.3 Discussão

Neste momento do trabalho faz-se necessário mencionar que o questionário realizado, aplicado aos professores, e tomado como pesquisa de campo foi simples, não quantitativo e não pretende concluir que o levantamento das concepções de nove professores acerca do tema indisciplina possa ser generalizado, mas que a partir de tal análise de dados, observou-se discrepâncias no entendimento do que vem a ser e / ou considerar indisciplina. Tal disparidade também emergiu ao observar as posturas e posicionamento (respostas) dos docentes.

Esta pesquisa, a cada pergunta respondida, trouxe consigo descoberta(s) e / ou importantes observações, por exemplo: No primeiro questionamento **“O que você considera indisciplina?”** – Três professores responderam que a indisciplina está ligada à não aceitação ou dificuldade de submeter-se ou apenas cumprir regras e ter limites para uma convivência em sala de aula e demais âmbitos. Outros três professores relacionam a indisciplina com a falta de interesse pela aprendizagem ou com atitudes que atrapalham tal processo (do indivíduo ou do coletivo); os demais professores, embora não tenham escrito “falta de regras e limites” ou por não terem usado o termo “aprendizagem”, utilizaram de argumentos que imbricam-se com as respostas dos demais profissionais sobre a inviabilidade do andamento de conteúdos e atividades propostas interrompidas por atitudes impróprias durante as aulas.

Na segunda pergunta **“Em que momento você a observa em sala de aula?”** – Três professores comentaram que notam a presença da indisciplina com maior intensidade no decorrer das explicações de conteúdos, durante a realização de provas e / ou trabalhos. Não há um momento específico, podendo

acontecer a qualquer instante. Outros professores responderam que a observam durante as trocas de aula (no colégio em que são os alunos quem trocam de salas de uma aula para a outra), e os demais acreditam que ela ocorre quando o sujeito quer chamar a atenção do professor ou do colega, prejudicando a si e ao coletivo. Depois de maior observação e análise das respostas, podemos considerar que o Ensino Fundamental I vê o comportamento indisciplinado como ação de um indivíduo que queira chamar a atenção; algo ligado à necessidade de conseguir ou conquistar consideração e afeto dos que o cercam. No Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, o cuidado tomado pela modalidade anterior já não é tão relevante nestas. As causas pautam-se em comportamentos indesejáveis que, em sua maioria, partem única e exclusivamente dos alunos.

O terceiro questionamento **“O que você acha que falta para trabalhar com tal situação?”** – Foi surpreendente! Várias sugestões foram dadas como alternativas para trabalhar com tal situação; desde trabalhos criativos a serem desenvolvidos com intuito de aproximação ao aluno e sua realidade, até posicionamentos de professores que mostraram-se dispostos e veem a necessidade de manter o elo junto aos responsáveis de seu alunado. Um detalhe a ser enfatizado é de que 7 (sete) dos 9 (nove) professores, que apesar de vivenciarem a dificuldade da inexistência do tripé (escola – família - sociedade), apresentaram-se dispostos e abertos a diálogo, a interação não só em sala de aula, mas também com a comunidade e cogitam a participação de instâncias legais para a realização de tal propósito de trabalho. Se não são, neste momento, professores que podem ser classificados como promotores de autonomia, pelo menos estão se dispondo a seguir tal caminho. O mesmo não pode ser dito de um dos entrevistados que mostrou-se irredutível quando menciona que se tais comportamentos ocorrem, deve-se à falha dos pais ou responsáveis que não sabem transmitir valores, normas, regras e limites. Não pode ser afirmado que sua postura é daquele professor controlador, porém suas palavras caracterizam tal perfil.

Quanto à última questão **“Do seu ponto de vista, qual o procedimento para evitar a indisciplina em sala?”** – Continuou com as surpresas, ora desagradáveis, ora aprazíveis.

Neste momento, alguns professores mencionaram que um bom procedimento seria o de evitar a ociosidade dos alunos, mantendo-os ocupados, no entanto, aqui pode ser observada uma contradição nas palavras dos docentes, pois

no início do questionário alguns comentaram que o momento com maior índice de comportamento indesejável ocorre na realização das atividades; pelo visto outros controlam tal comportamento aplicando uma após a outra. Os profissionais não acreditam que seja possível evitar tais comportamentos o que, se tentarmos analisar este posicionamento de um ponto de vista positivo, significa dizer que os professores estão conscientes de que lidam com sujeitos e subjetividades cujas particularidades precisam ser relevadas. Reforçam as respostas dadas à questão anterior. Enfatizam o trabalho em família e sociedade abrangendo contextos reais de seus alunos.

Embora os professores tenham se formado há um tempo atrás, a prática e experiência vividas pelos mesmos não os fizeram enrijecer-se, mas conseguiram perceber a necessidade de mudanças e flexibilidade de tudo o que aprenderam, porém, um dos entrevistados mostrou-se intransigente, pois acredita e afirma que a indisciplina ocorra por falha da família, pelos seus valores ou pela desestrutura da mesma. Um problema além dos muros da escola, do ponto de vista deste educador.

Quando tentamos articular o capítulo que trata dos conceitos teóricos sobre indisciplina, tipos de professores, entre outros, com o material coletado nas entrevistas com profissionais da educação, percebemos que muito já foi alterado com o objetivo de alcançar uma melhora nas situações de sala de aula, mas que ainda e constantemente há muito para se fazer.

Levado em consideração os estilos de professores, segundo a teoria trabalhada nesta pesquisa, e dentre estes que alguns podem ser considerados como “controladores”, cujo diálogo e reconhecimento de que o aluno é construtor de conhecimento e de cultura não são em hipótese alguma cogitados por este modelo de profissional, estes tem a tendência de rotular seus alunos como desrespeitadores, desinteressados e desprovidos de limite quando não se enquadram ao seu “padrão de aluno ideal”. Veiga (2002, p. 39) expõe o que este perfil de professor propaga, quando diz:

Os professores que julgam o caráter e a personalidade dos alunos, fracassam ao comunicar com eles. Para o referido estudioso, isto constitui o princípio fundamental da comunicação. A essência da comunicação efectiva consiste em conhecer como aplicar este princípio nas diversas situações.

Entretanto, não cabe aqui generalização, pois há outros profissionais denominados de professores promotores de autonomia que acreditam e adotam uma postura empática aos alunos, dialoga e desmistifica que comportamentos, por vezes inadequados, sejam de cunho único e exclusivo do aluno. Os profissionais que se enquadram nesta categoria, acreditam num trabalho em conjunto. Um coletivo que abarca as instâncias necessárias e contemplam os contextos que circundam estes alunos. A postura e posicionamento deste consistem:

[...] em vez de julgar e criticar, procura clarificar os pensamentos que o aluno exprime. A sua principal preocupação não é a de que as suas idéias e valores sejam seguidos pelos alunos, mas antes a de os ajudar a descobrir uma forma de sentir, pensar e agir que, efectivamente, seja significativa para eles. (VEIGA, 2002, p. 42).

A realidade do aluno precisa ser conhecida não só para compreensão de suas dificuldades ou comportamentos indesejáveis, mas também como alternativa para se trabalhar conteúdos que sejam experienciados pelos mesmos fazendo-os perceber que suas histórias e vivências, além de auxiliar na construção de seu próprio conhecimento, auxiliam no desenvolvimento do outro. Posto isto, Veiga (2002, p. 155) destaca palavras que concluem de forma brilhante esta análise e apontam a direção da função educativa:

Educar não é fácil, mas as coisas fáceis qualquer um as faz; as difíceis estão para os Professores, para os Pais, para as Pessoas com letra maiúscula. Ensinar bons alunos, que não criam problemas, qualquer um faz, mas saber lidar com alunos difíceis implica aceitar fazer muitas mil pequeninas coisas. Quem não for capaz de fazer pequenas coisas jamais verá perante si as coisas grandes!

Considerações Finais

A presente pesquisa sofreu, no decorrer de seu desenvolvimento, várias mudanças, questionamentos e inquietações até que chegasse a seu término. No entanto, teve seu prestígio pela oportunidade em realizar um trabalho em que fosse possível pronunciar a teoria e o campo prático. Demandou grande esforço na busca de referencial teórico que contemplasse tal proposição como também na procura de profissionais dispostos a colaborar na pesquisa de campo.

Este trabalho permitiu que curiosidades fossem manifestadas, o que não significa dizer que todas as dúvidas foram esclarecidas. Se no início deste a intenção era de alcançar respostas objetivas sobre tal temática, em seu decorrer a objetividade caiu por terra enquanto que a subjetividade e complexidade se elucidaram entre os participantes da pesquisa. Um tema instigador que procurou abordar as instâncias educacionais pelas quais um indivíduo caminha: família, escola e sociedade.

Foi um trabalho enriquecedor tanto de um ponto de vista individual como do acadêmico: seu esboço, sua construção, seu desenvolvimento, sua abordagem, suas inúmeras vertentes e necessárias delimitações para estudo; como para a educação de modo geral, ou seja, a oportunidade de refletir sobre as manifestações comportamentais (em específico: as indesejáveis), as possíveis causas e conseqüências de tais, posturas, cumplicidades, propagações e extinções das mesmas. Muitos profissionais apresentaram-se abertos a discussões, inclusive a flexibilizar atividades e posturas, outros ainda enrijecem-se. Pode ser que, no âmbito familiar pare semelhantes atitudes correntes nas instituições: os dispostos a reverem conceitos e os dogmáticos. Para a / e na educação, não se trata de trabalho fragmentado em que haja funções e alçadas delegadas para “departamentos”, mas uma tarefa que deve ser realizada em conjunto entre os educadores (familiares e institucionais).

A contribuição que este trabalho procurou oferecer àqueles que se encontram em formação e aos que já se formaram consiste em um convite para analisarmos, estudarmos e aprendermos com as pesquisas e experiências de outros (renomados) que muito se preocuparam com tal “problemática” e, quando se fizer necessário, revermos conceitos a nós transmitidos ou por nós construídos.

Relevamos que a história e a sociedade mudam e com elas os contextos que circundam qualquer sujeito - lançar olhares diferenciados sobre os alunos (e lembrar que nem todo comportamento indesejável e considerado como indisciplinado é, necessariamente, uma afronta ou desrespeito, mas nem por isso deve-se confundir que trabalhar a favor da autonomia do indivíduo significa permitir e propagar comportamentos de rebeldia). Ainda há dogmas, tabus e interpretações equivocadas a serem transcendidas.

Esta temática abordada abre um imenso leque para discussões, cujas vertentes precisam ser analisadas cautelosamente uma a uma – deixando claro que elas não ocorrem separadamente, ao contrário todas acontecem ao mesmo tempo formando este gama de complexidade.

A pesquisa delimitou como seu objeto de campo de estudo o ponto de vista educacional institucional. Não foi possível abarcar minuciosamente as considerações familiares (vertente que constitui a essência do sujeito), ficando aqui como sugestão para continuidade da pesquisa ou um novo estudo de campo relevando a vez e a voz desta vertente educativa.

Referências Bibliográficas:

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.24, n.2, [s. p inicial-final], jul./dez. 1998.

_____, Julio R, Groppa. A indisciplina nossa de cada dia. In: _____. **Diálogo com educadores: o cotidiano escolar interrogado**. São Paulo: Moderna, 2002, p. 59-70.

_____, Julio R, Groppa. Escolas mais violentas?. In: _____. **Diálogo com educadores: o cotidiano escolar interrogado**. São Paulo: Moderna, 2002, p. 46-58.

_____, Julio R, Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: _____. **Indisciplina na escola: alternativas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, p.39-55.

_____, Julio R. Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, [s.v.], ano XIX, nº47, p.7-19, dez.1998.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia da Educação: Cumplicidade Ideológica. In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (Org.); MEIRA, Marisa Eugênia Melillo (Org.). **Psicologia Escolar: Teorias Críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p79 - 103.

BRASIL. Decreto - Lei Nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em 26 jan. 2009.

CARVALHO, Diana Carvalho de. A Psicologia frente a educação e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.1, [s. p inicial-final], jan./jun.2002.

CONTEMPORÂNEO. In: BUENO, Silveira. **Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000. p. 193.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.15, n. 54, [s. p inicial-final], jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 29 mar.2009.

DISCIPLINA. In: BUENO, Silveira. **Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000. p. 260.

EDITORIAL, Comitê. Contemporaneidade de adorno na educação: 100 anos de seu nascimento. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.24, n.83, [s. p inicial-final], ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 15 dez. 2008.

FONTES, Carlos. **Indisciplina na aula**. Disponível em: <<http://www.prof2000.pt/users/falhalcino/formar/outros/indisicplina.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Áurea M. **Escola espaço de violência e indisciplina**. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/art02.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, [s. p inicial-final. s. mês] 2004.

_____, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. Estilos motivacionais de professores: propriedades psicométricas de um instrumento de avaliação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.19, n. 1, [s. p inicial-final], jan./abr. 2003.

INDISCIPLINA. In: BUENO, Silveira. **Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000, p. 432.

MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, [s. p inicial-final], maio/ago. 2005.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina Escolar: determinações, conseqüências e ações**. Brasília: Líber Livro, 2005.

PUGA, Rogério Miguel. **Escola Nova e Tradicional – Reflexões por entre rupturas e continuidades**. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1341>>. Acesso em: 08 jan. 2009.

SANTOS, Luciana Ferreira dos. Leitura de mundo e multiculturalismo na escola sobre a ótica Freiriana. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 2005, Recife. **Anais.../ Recife**: [s.n.], 2005./p. 1-9. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/LEITURA>. Acesso em: 03 jan. 2009.

SILVA, Maria Laura Fernandes. **Indisciplina na aula: Um problema dos nossos dias**. Lisboa, Edições ASA, 1999.

TAILLE, Yves de La. A Indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio R. Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

VEIGA, Feliciano Henriques. **Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais**. Coimbra: Almedina, 2002.

VIRASER. Revista VIR A SER nº3/99. O desenvolvimento da Afetividade.

WEBER, Lída Natalia Dobrianskyj. et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.17, n.3, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 18 abr. 2007.

Anexos



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Centro de Educação, Comunicação e Artes - CECA
Departamento de Educação – Curso de Pedagogia
Trabalho de Conclusão de Curso – Pesquisa de Campo

Iniciais da Instituição de ensino: _____ Privada () Pública ()

Iniciais do Nome do (a) professor (a): _____

Tempo de Formação: _____ Tempo de Atuação: _____

Nível da área de educação em que atua:

* Fundamental I (1ª à 4ª série/1º à 5º ano) ()

* Fundamental II (5ª à 8ª série/6º à 9º ano) ()

* Ensino Médio (1º, 2º e 3º Colegial) () Disciplina que leciona: _____

1.) O que você considera indisciplina?

R.: _____

2.) Em que momento você a observa em sala de aula?

R.: _____

3.) O que você acha que falta para trabalhar com tal situação?

R.: _____

4.) Do seu ponto de vista, qual o procedimento para evitar a indisciplina em sala?

R.: _____
